



“Prefiro plantas do que remédios”: o uso de plantas para fins medicinais no território quilombola Cajá dos Negros, em Batalha-Alagoas

"I prefer plants to medicines": the use of plants for medicinal purposes in the quilombola territory of Cajá dos Negros, in Batalha-Alagoas

Filipe Silva dos Santos¹; Jailton Júnior da Silva Santos²;
Lucas André Farias da Costa³; Wanderley dos Santos da Silva⁴;
Matteus Freitas de Oliveira⁵

⁽¹⁾Discente do 2º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, filipe10ss2@gmail.com;

⁽²⁾Discente do 2º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, jailtonjunior5@gmail.com;

⁽³⁾Discente do 2º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, lucasf5f7@gmail.com;

⁽⁴⁾Discente do 2º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, wansilva970@gmail.com;

⁽⁵⁾Docente EBT, Mestre em Geografia, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, matteus.oliveira@ifal.edu.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 15 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: As comunidades quilombolas são grupos étnicos que se relacionam de maneira específica com o território e as tradições que são oralmente passadas por gerações. Entre esses costumes estão a prática e o uso das plantas medicinais como uma alternativa para curas e tratamentos de enfermidades, como também a utilização em rituais e crenças religiosas. Dentro desse contexto, objetivou-se realizar o levantamento do uso dessas plantas medicinais no Povoado de Cajá dos Negros, no município de Batalha. Este estudo foi realizado por meio de visitas em campo com aplicação de questionário e rodas de conversas contendo perguntas relacionadas a fins fitoterápicos de usos, formas de preparo apartes utilizados das plantas encontradas no território quilombola. Como resultado foram identificadas 39 espécies, as quais estão distribuídas em 27 famílias, com destaque as Laminaceae, com 6 espécies, seguida de Rutaceae e Anacardiaceae, 3 espécies cada, geralmente cultivadas nos quintais das casas, estabelecendo relações espaciais domésticas. Outras espécies mais raras são encontradas na Caatinga revelando a mobilidade territorial da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Etnobotânica, Saberes, Comunidades tradicionais.

ABSTRACT: Quilombola communities are ethnic groups that relate specifically to the territory and traditions that are orally passed down for generations. Among these customs are the practice and use of medicinal plants as an alternative to healing and treating illnesses, as well as the use in rituals and religious beliefs. Within this context, the objective was to survey the use of these medicinal plants in the village of Cajá dos Negros, in the municipality of Batalha. This study was conducted through field visits with a questionnaire and conversation wheels containing questions related to herbal uses, forms of preparation used in the plants found in the quilombola territory. As a result, 39 species were identified, which are distributed in 27 families, especially Laminaceae, with 6 species, followed by Rutaceae and Anacardiaceae, 3 species each, generally cultivated in the backyards of the houses, establishing domestic spatial relationships. Other rarer species are found in Caatinga revealing the territorial mobility of the community.

KEYWORDS: Ethnobotany, Knowledge, Traditional communities.

INTRODUÇÃO

Atualmente, movimentos sociais e políticas públicas, em escala nacional e internacional, voltam-se para repensar as questões ambientais pela multidimensionalidade que seus impactos geraram. Uma dessas preocupações diz respeito à desinformação sobre o potencial botânico das áreas que correm sérios riscos em face do desmatamento, mas também de outros processos agressivos aos sistemas florestais como as contaminações químicas. Em seus estudos Bautista (1988) se debruçou na biodiversidade do domínio morfoclimático da Caatinga, apontando ações mitigadoras para sua conservação. Uma das possíveis justificativas para preservação do domínio é discutida por Santos et. al (2018) no estado do Ceará que realizou o reconhecimento de espécimes endêmicas e de grande potencial fitomedicinal.

Mesmo em um sistema florestal devastado pela interiorização da colonização e por práticas pecuárias, a Caatinga apresenta uma variedade botânica que é utilizada por comunidades indígenas, quilombolas e grupos tradicionais. Esses saberes, de acordo com Almeida (2003), são chamados de conhecimento derivado resultantes da miscigenação étnica que marca a riqueza cultural da população brasileira. Por sua vez, essas plantas nativas e cultivadas são utilizadas por inúmeras comunidades tradicionais para tratamentos medicinais, agregando mais uma importância para a conservação desses recursos (NORDI, 2019).

A percepção sobre o poder medicinal das ervas e a utilização de folhas, flores, caules, sementes e raízes correspondem a um conjunto de saberes que são transmitidos de maneira oral de geração para geração, enriquecendo o arcabouço cultural de comunidades tradicionais, ao mesmo tempo que desafia estudos fitogeográficos, farmacêuticos, botânicos e suas chaves metodológicas de identificação de espécies, como, por exemplo, os trabalhos de Carvalho et. al (2019) e Júnior et al. (2014), os quais sistematizam as plantas por catalogação taxonômica Ming (1996).

Mais que um estudo multidisciplinar, a abordagem etno é capaz de evidenciar a potência dos estudos territoriais que são produzidos pela Geografia. Nesse sentido, os saberes sobre a potencialidade de plantas para a cura de doenças revelam muito mais que saberes botânicos, simultaneamente denotam a propriedade de ser e estar no território, entrelaçando questões sobre vida, resistência, cooperação, cotidiano, além da

sobrevivência, que se ancestraliza a cada geração pelo acúmulo e ressignificação desses saberes e práticas no/do território. Essa concepção territorial de povos e saberes reloca a concepção de natureza numa perspectiva capitalista para o entendimento de usos não capitalistas, como as apresentadas por comunidades tradicionais como destaca Saquet (2010).

A etnobotânica é uma ciência que torna possível o reconhecimento da distribuição, origem e diversidade das plantas cultivadas ao longo do tempo e do espaço, e sua relação pode ser aproximada ao arcabouço teórico-metodológico da Fitogeografia. Alguns trabalhos realizados por não-geógrafos povoam as publicações acerca da etnobotânica, como os de Albuquerque (2005), que discute bases epistemológicas para essa etnoabordagem, enquanto os trabalhos de Pereira e Coelho-Ferreira (2017) se debruçam sobre realidades quilombolas por entenderem que os afrodescendentes mantêm uma íntima relação com a natureza – uma relação não capitalista, graças ao conhecimento integrado de saberes e fazeres acumulados por socioancestralidades e ressignificados ao longo do tempo. Já o trabalho de Dantas e Torres (2019) analisam usos e potenciais etno no sertão de alagoas se aproximando de nosso estudo de caso.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi compreender como os descendentes de quilombolas da comunidade Cajá dos Negros se utilizam de plantas para fins fitoterápicos, bem como compreender as espacialidades que esses recursos botânicos apresentam no território quilombola. De maneira específica, avaliamos como a vivência no território permitiu a socialização e reorganização dos saberes que passam oralmente de geração para geração.

A comunidade de Cajá dos Negros está localizada no município de Batalha, a aproximadamente 180 quilômetros de Maceió, na mesorregião do Sertão de Alagoas. Nesse Estado, existem 69 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares (2019), no entanto apenas o Povoado Tabacaria teve a unidade territorial reintegrada à comunidade quilombola, situando-se no município de Palmeira dos Índios.

O processo para reconhecimento do Povoado Cajá dos Negros teve início em 02/12/2004. A comunidade conseguiu seu reconhecimento público em 2005, por meio de certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura. De acordo com a portaria Nº 104/2016, publicada no DOU de 20/05/2016, sob número do processo da Fundação Cultural Palmares 01420.001245/2004-16, o ID quilombola de Cajá dos Negros é de 1.537.

Segundo Gomes (2017), o quilombo é constituído por 86 famílias, e a área de estudo se concentra em todo o território quilombola, associando os assentados quilombolas e os quilombolas residentes na nucleação principal do povoado. Este trabalho nasceu para contribuir duplamente com a comunidade de Cajá dos Negros. Inicialmente, nosso intuito foi fortalecer o debate de sua reminiscência de quilombo e resgate das ancestralidades, das identidades e do território, ora negados, ora compartilhados, bem como se arriscar em compreender o potencial de saberes etnobotânicos e místicos com uso de plantas medicinais, associando-se a Fitogeografia e a abordagem da Geografia Cultural.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado na comunidade Cajá dos Negros, localizada entre as coordenadas 9° 45' 09" S e 37° 05' 41" W, zona rural do município de Batalha, Sertão de Alagoas, conforme o *Google Earth* (2018). Como essa pesquisa parte de uma abordagem geográfica, diferente das pesquisas sobre taxonomia botânica realizadas por Junior Resende et. al (2014), Lima et. al (2017) e Maia et. al (2018), esta pesquisa esteve imersa numa abordagem qualitativa, utilizando-se dos recursos da participação observante e de levantamento bibliográfico para identificação das espécies partindo dos conhecimentos empíricos da comunidade e cruzando com a literatura sobre etnobotânica em ambiente de caatinga, como destaca o trabalho de Duque-Brasil (2009). Além disso, foram gerados dados primários por meio de questionários, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa coletivas, além das caminhadas transversais o que proporcionou uma aproximação entre pesquisadores e comunidade em busca do entendimento do território e suas relações fitogeográficas para usos medicinais por meio de metodologias qualitativas. Essa experiência foi realizada com consentimento da comunidade por meio de pesquisa ação num período de 9 meses de ações coletivamente construídas.

Vale ressaltar que buscamos acessar o território e seus códigos com o consentimento da comunidade, de maneira que compreendêssemos as relações entre o povo e a fitomedicina com base em saberes tradicionais. Esse contato foi registrado em cadernetas de campo pelo método da geoetnografia discutida por Rocha et. al (2017), o que possibilitou maior compreensão da relação fé – território (plantas) – povo. O

consentimento foi realizado de maneira escrita por coleta de assinatura para participantes escolarizados e também de maneira oral para os analfabetos. Além disso, os temas das oficinas e místicas eram escolhidos e preparadas com a interação da comunidade em virtude das ações de extensão desenvolvidas pelo Instituto Federal de Alagoas, campus Batalha, anteriormente desenvolvidas *in loco*.

Além da imersão na revisão de literatura sobre territórios quilombolas, comunidades tradicionais e etnobotânica, foi utilizada nesta pesquisa de um caminhar geantropológico, com o objetivo de extrair informações a partir da visão dos moradores e mediar o diálogo com o conhecimento científico. Sendo assim, para reconhecimento da área e da riqueza de informação desse povo, foi aplicado a 25 pessoas aleatórias um questionário sobre as plantas, as partes mais utilizadas, formas de usos e preparos, o local de coleta e o tratamento de doenças.

Essa etapa nos permitiu escolher os informantes que mais aprofundaram detalhes sobre as aplicações fitomedicinais, dentre eles se destacaram as mulheres, sobretudo as mães, “que em geral detêm as noções básicas de como tratar os problemas de saúde de suas famílias” (PEREIRA E COELHO-FERREIRA, 2017, p. 58). Em seguida, em laboratório, foram gerados gráficos e tabelas, em plataforma excel, que foram associados às pesquisas realizadas em comunidades tradicionais em ambiente de Caatinga nos estudos de Dantas e Torres (2019). Diferentemente do critério taxonômico de Ming (1996), as informações botânicas foram validadas por levantamento bibliográfico e associação de padrões por imagens das espécies vegetais. Após essa etapa, foram selecionadas nove (9) mulheres que apresentaram interação e contextualidade capazes de articular os saberes do universo amostral.

Foi realizada a roda de conversas associada à mística, um importante instrumento de coleta e, ao mesmo tempo, de validação de informações de maneira coletiva e interativa, como discutem Carvalho et. al (2011) ao aplicá-la em comunidades rurais e/ou tradicionais. Vale salientar que todas as etapas de coleta de dados *in loco* foram realizadas graças à permissão de gravação e concessão de aplicação de questionários e entrevistas, como também à geoetnografia.

A técnica de mística, muito utilizada nas comunidades de base e no movimento social sem terra “é uma prática político-ritualística que acompanha as ações do MST e, através das quais, a Forma-Sujeito Sem Terra interpela os sem-terra, convertendo-os de indivíduos acampados em sujeitos identificados com os saberes e as práticas do MST”

(INDURSKY, 2014, p. 112). Em outras palavras, a utilização da mística permitiu conectar as participantes e pesquisadores às questões de pesquisa, por meio de objetos associados as plantas medicinais, remédios da indústria farmacêutica, lambedores, objetos de extração de ervas como facas e facões, dentre outros objetos simbólicos, colocados ao centro de uma roda de conversas, facilitando o acesso as questões de pesquisa pelas representações imagéticas mentais e pelas narrativas dos participantes.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

De acordo com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial – SEPPIR, conforme descrito no Programa Brasil Quilombola (2005, p. 11), Comunidades Remanescentes de quilombos podem ser entendidas como grupos

[...] que pertençam ou pertenciam a comunidades, que, portanto, vivem, vivam ou pretendam ter vivido na condição de integrantes delas como repositório das suas tradições, cultura, língua e valores, historicamente relacionados ou culturalmente ligados ao fenômeno sociocultural quilombola.

Mais que uma área delimitada por questões étnicas, os territórios quilombolas no Brasil, segundo Rodrigues e Carlini (2003), podem ser espaços de produção e de descobertas de novos produtos fitoterápicos por apresentarem relevante biodiversidade e endemismo em todos os domínios morfoclimáticos. Além disso, a existência de mais de 220 etnias indígenas e inúmeros grupos quilombolas distribuídos ao longo do território nacional agrega significativo conhecimento da flora brasileira, aumentando as possibilidades do potencial fitoterapêutico.

Os quilombos existentes ainda hoje no Brasil configuram-se como tentativas de não absorção da identidade hegemônica. Assim como no passado colonial, a identidade quilombola se constrói, ainda atualmente, como uma identidade de luta e resistência: antes, contra a captura e a escravização; hoje, contra a invisibilidade e a negação da existência desses sujeitos enquanto quilombos (FURTADO; et. al. 2014, p. 112).

De acordo com os dados coletados em campo por meio dos questionários de levantamento de potencial etnobotânico, foram identificadas 39 espécies, as quais estão distribuídas em 27 famílias botânicas e se encontram organizadas na tabela 1. Como

podemos observar na tabela 1 as famílias com maior ocorrência florística foram *Laminaceae* (6 espécies), seguida de *Rutaceae* e *Anacardiaceae* (3 espécies cada). As demais famílias apresentaram uma ou duas espécies. Diferentemente dos trabalhos de Brito et. al (2015), Maia et. al (2018) e Carvalho et. al (2019), a tabela parte do nome popular para as taxonomias científicas, que foram relacionadas por meio do levantamento bibliográfico, na tentativa de manter em centralidade dos resultados oriundos dos saberes locais que enriquecem as relações entre a sociedade e a natureza dentro do quilombo.

Segundo os moradores, os usos das plantas se destacam por serem eficazes no tratamento de algumas doenças. Com base nesses saberes tradicionais, uma série de fitofármacos é incorporada para diversas situações do cotidiano que ultrapassam as aplicações medicinais. De acordo com o gráfico 1, foram citadas 23 patologias, dentre elas 5 tipos são crônicas, e, para além disso, há ocorrências de fácil tratamento como gripe, inflamação, dores em geral, tosse associada ao aparelho respiratório, sendo estas bastante mencionadas.

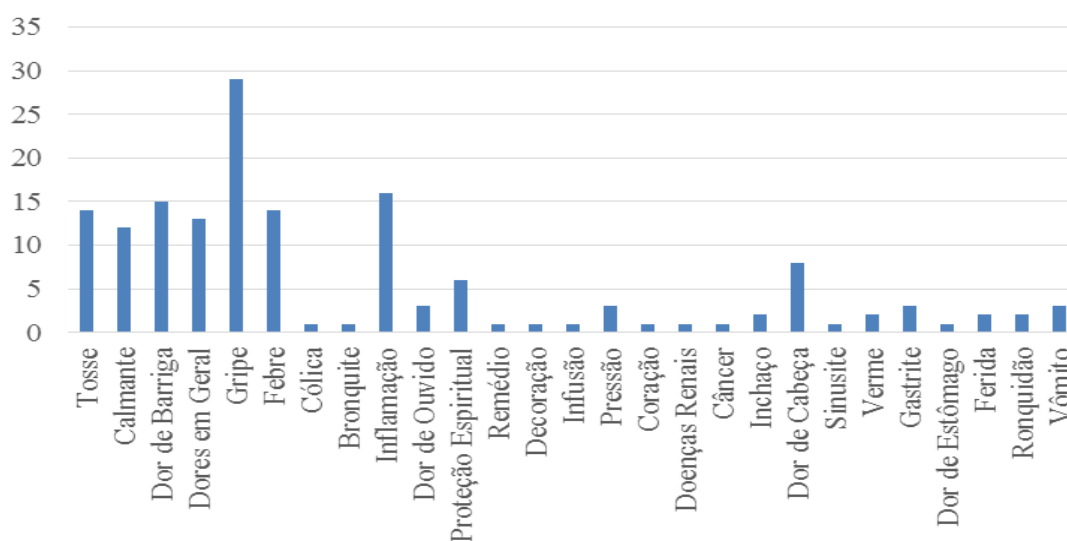


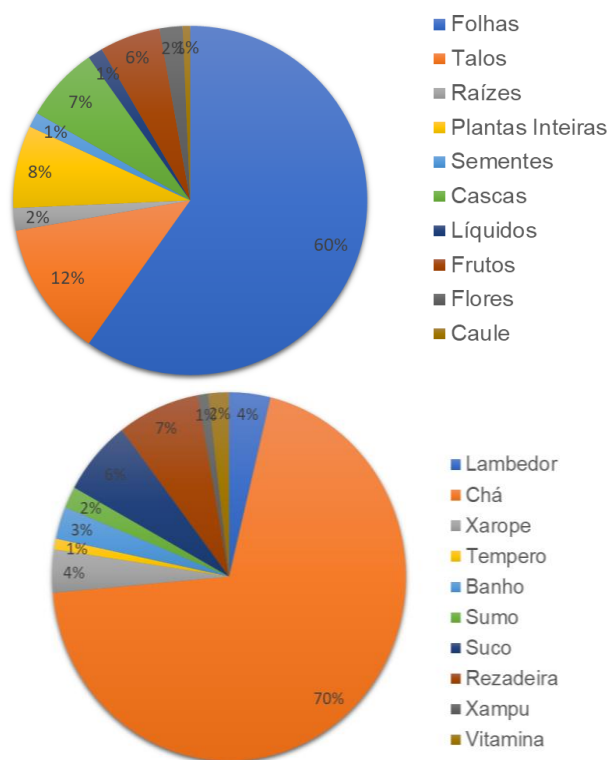
Gráfico 1: Variedade de aplicações citadas pelos quilombolas do Povoado Cajá dos Negros – Batalha, Alagoas.

FONTE: Os Autores.

Não diferente de outros resultados de pesquisa, conforme o gráfico 2 as partes mais utilizadas das plantas são folhas (60%), talos (12%), plantas inteiras (8%), cascas (7%) e frutos (6%). O modo de preparo para consumo fitofármaco, segundo o gráfico 3

(acima), é por via oral, principalmente em forma de chá (70%), seguido de práticas religiosas realizadas pelas rezadeiras (7%) e do lambedor (6%).

A influência das plantas no cotidiano da população é rapidamente perceptível, como também elas compõem a cosmologia que enriquece as identidades locais. Todos os entrevistados informaram que a maioria das plantas é cultivada no quintal. Na roda de conversa, a entrevistada 6 afirmou que “[...] *tem gente que usa o remédio de farmácia tendo a solução no quintal, tendeu? Só abrir a porta que a solução tá no quintal, ainda mais que isso aqui é uma coisa de grátis, tem gente que compra de farmácia, e não boto culpa em ninguém por falta de conhecimento [...]*” (Roda de Conversa aplicada no dia 18/09/2018).



Gráficos 2 e 3: Principais partes das plantas citadas pelos quilombolas / Principais formas de preparo.

FONTE: Os Autores.

Como se trata de uma comunidade rural de população predominantemente não assalariada, o uso de tratamento fitomedicinal encontra outra justificativa e se acentua quando os mais velhos acreditam mais nas ervas do que nas manipulações químicas, como foi dito pela entrevistada 4: “[...] *mas hoje gente idosa aqui que não toma esse remédio assim [fármacos], é mais as plantas. Por exemplo, meu avô já ele são idoso não chega nem perto*

daí do Posto de saúde e não compra esse tipo de remédio [...]” (Roda de Conversa aplicada no dia 18/09/2018).

Como foi dito anteriormente, as plantas são utilizadas para fins medicinais, mas também para usos culinários, cosméticos e ornamentais. Vale destacar as práticas de benzedadeiras que associam a fé como elemento determinante no processo da busca de cura por meio da oração e das ervas, como Mendes e Cavas (2018) descreve em seu estudo de teórico sobre as práticas de rezas e suas relações sociohistóricas na realidade brasileira.

Boa parte das espécies citadas é recorrente no Sertão Alagoano, que possui clima semiárido como estudou Dantas e Torres (2019). Nessa área, não diferente de outros estados da região Nordeste, a vegetação é do tipo Caatinga Hiperxerófila, que, segundo Bautista (1988), se caracteriza pelo domínio das plantas suculentas espinhosas e pela presença de herbáceas temporárias que se desenvolvem no período chuvoso.

Essas espécies citadas aparecem nos trabalhos de Santos et al (2018) e Dantas e Torres (2019), sendo nativas da flora da Caatinga, tais como: o Anjico - *Anadenanthera Falcata* (Benth.) Speg, Aroeira - *Anacardiaceae*, Cabeça de Frade - *Cactaceae*, Catingueira - *Caesalpinhiaceae*, Juazeiro - *Rhamnaceae*, Marva Rosa - *Mauvaceae*, Umbuzeiro - *Anacardiaceae*, todas usadas com fins terapêuticos, anti-inflamatórios e cicatrizantes, fazendo-se uso da casca e entrecasca.

Por meio da etnogeografia, pudemos compreender como as trocas culturais ocorrem e contribuem para a transferência, a construção e a reelaboração dos saberes e fazeres que são socializados oralmente. Esse arcabouço cultural constrói imaginários espaciais, sociais e culturais que, de alguma maneira, auxiliam na tomada de decisões e na busca pela cura.

Além do uso, a comunidade citou uma série de aplicações para tratamento de doenças, narrando algumas situações de cura a partir de ervas. Algumas jovens que participaram da roda de conversa mostraram como a transferência oral de saberes pode ser acessada por outras gerações por possuírem alto grau de parentesco. Observamos que muitas plantas são adquiridas por meio de trocas entre vizinhos que são, em sua grande maioria, parentes.

**"PREFIRO PLANTAS DO QUE REMÉDIOS": O USO DE PLANTAS PARA FINS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA CAJÁ DOS NEGROS, EM BATALHA-ALAGOAS
"I PREFER PLANTS TO MEDICINES": THE USE OF PLANTS FOR MEDICINAL PURPOSES IN THE QUILOMBOLA TERRITORY OF CAJÁ DOS NEGROS, IN BATALHA-ALAGOAS**

SANTOS, Filipe Silva dos; SANTOS, Jailton Júnior da Silva; COSTA, Lucas André Farias da; SILVA, Wanderley dos Santos da; OLIVEIRA, Matteus Freitas de

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Utilizada	Usos Gerais	Formas de uso	Indicações	Fonte ¹	N C
Alecrim	<i>Amaranthaceae</i>	<i>Rosmarinus offi cinalis L.</i>	Planta inteira/Semente/Folha/Talo/Raiz	B	Chá	Gripe/Febre/Tosse/Sinusite/Dores em geral/Dor de cabeça	A/B/C/D /F/G	1 2
Cidreira	<i>Verbenaceae</i>	<i>Melissa offi cinalis L.</i>	Talo/Folha/Raiz/Planta inteira	B/J	Chá/Rezadeira	Dor de cabeça/Pressão/Calmante/Gripe/Febre/Inflamação	A/B/C/F /G	2 0
Arruda	<i>Rutaceae</i>	<i>Ruta graveolens L.</i>	Folha/Talo	B	Chá	Dor de ouvido/Gripe	A/B/C/F	5
Ciguleira	<i>Lamiaceae</i>	<i>Aloe Vera (L.) Burm. F.</i>	Folha	A/B	Lambedor/Chá/Xarope/Tempero/Mel	Tosse/Gripe	A/B/C/F /G	7
Capim-Santo	<i>Poaceae</i>	<i>Cymbopogon citratus (DC) Stapf.</i>	Folha/Palha/Planta inteira	B	Chá	Calmante/Cólica/Febre/Dor de barriga/Gripe/Dor de cabeça/Vômito	A/B/C/F /G	1 4
Boldo	<i>Lamiaceae</i>	<i>Plectranthus barbatus Andr</i>	Folha	B	Chá	Dor de barriga/Dores em geral/Inchaço	A/B/C/F	3
Mentruz	<i>Brassicaceae</i>	<i>Chemopodium Ambrosioides L.</i>	Folha/Planta inteira/Talo	A/B	Chá/Suco	Gripe/Tosse/Bronquite/Dor de estômago/Gastrite/Febre	A/B/C/F /G	5
Aroeira	<i>Anacardiaceae</i>	<i>Myracondruon urundeuva FR.All.</i>	Casca/Folha/	B/C/J	Banho/Sumo	Inflamação/Febre/Dores em geral/Dor de ouvido	A/B/C/F /G	2
Goiabeira	<i>Myrtaceae</i>	<i>Psidium guayava L.</i>	Folha/Fruto	A/B/J	Chá/Rezadeira/Vitamina	Gripe/Desintéria/Verme/Tosse	A/B/C/F /G	7
Catingueira	<i>Caesalpinaceae</i>	<i>Caesalpinia pyramidalis Tul.</i>	Flor	B	Chá	Febre/Gripe	A/B/C/F	1
Pra Tudo	<i>Crassulaceae</i>	<i>Kalanchoe brasiliensis Cam.</i>	Planta inteira	B	Sumo	Dor de ouvido	A/B/C/D /F/G	1
Tipi	(Sem informação)	<i>Petiveria alliacea</i>	Talo	B/C/J	Sumo/Rezadeira	(Sem informação)	A/B/C/D /F/G	1
Mamoneira	<i>Euphorbiaceae</i>	<i>Ricinus Communis L.</i>	Fruto/Folha	B	Sumo	Inchaço/Inflamação	A/B/C/D /F/G	3
Hortelã da Folha Miúda	<i>Lamiaceae</i>	<i>Malpighia glabra L.</i>	Folha	B	Chá/Suco	Inflamação	A/B/C/D /F/G	4
Colônia	<i>Zingiberaceae</i>	<i>Alpinia zerumbet (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.</i>	Flor/Folha	B	Chá	Pressão/Coração	A/B/C/D /F/G	1
Anador	<i>Amaranthaceae Acanthaceae</i>	<i>Justicia pectoralis Jacq.</i>	Folha	B	Chá	Dor de cabeça	A/B/C/D /F/G	1
Sambacaitá	<i>Lamiaceae</i>	<i>Hyptis pectinata</i>	Talo/Raiz/Planta inteira	A/B	Suco/Cozinhado	Inflamação/Ferida/Dores em geral	A/B/C/D /F/G	2
Favaca	<i>Lamiaceae</i>	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Folha/Talo	B	Suco	Inflamação/Gripe	A/B/C/D /F/G	2
Cabeça de Frade	<i>Cactaceae</i>	<i>Melocactus (cf.) Piauiensis (Br. Et Rose) Wenderm INDET.</i>	Planta inteira	H/J	Rezadeira	Proteção espiritual	A/B/C	1 1
Rabo de Catenga	(Sem informação)	<i>Harworthia</i>	Planta inteira	H/J	Rezadeira	Proteção espiritual	A/B/C/D /F/G	1

¹ Refere-se ao local onde a erva foi encontrada ou adquirida.

"PREFIRO PLANTAS DO QUE REMÉDIOS": O USO DE PLANTAS PARA FINS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA CAJÁ DOS NEGROS, EM BATALHA-ALAGOAS
"I PREFER PLANTS TO MEDICINES": THE USE OF PLANTS FOR MEDICINAL PURPOSES IN THE QUILOMBOLA TERRITORY OF CAJÁ DOS NEGROS, IN BATALHA-ALAGOAS

SANTOS, Filipe Silva dos; SANTOS, Jailton Júnior da Silva; COSTA, Lucas André Farias da; SILVA, Wanderley dos Santos da; OLIVEIRA, Matteus Freitas de

Pinhão	<i>Euphorbiaceae</i>	<i>Araucaria angustifolia</i>	Planta inteira/folha/Talo	B/J	Curandeira	Ferida	A/B/C/D /F/G	2
Babosa	<i>Liliaceae</i>	<i>Aloe vera (L.) Burm. f.</i>	Folha/Líquido/Talo/Carne	B/D	Shampoo/Xarope	Doenças renais/Câncer/Inflamação	A/B/C/D /F/G	2
Babatimão	<i>Leguminosae</i>	<i>Stryphnodendron</i>	Casca	B	Banho	Inflamação	A/B/C/D /F/G	1
Espada de São Jorge	<i>Agavaceae</i>	<i>Sansevieria trifasciata var. laurentii (Dewild.) N. E. Br.</i>	Líquido/Folha	B/H/J	Decoração	Remédio	A/B/C/D /F/G	2
Pinha	<i>Annonaceae</i>	<i>Annona squamosa L.</i>	Folha	B	Chá	Dor de barriga	A/B/C/E /F	2
Camomila	<i>Asteraceae</i>	<i>Chamomilla recutita L. Rauschert.</i>	Folha	B	Chá	Pressão/Calmante	A/B/C/E /F	1
Laranja	<i>Rutaceae</i>	<i>Citrus aurantium L.</i>	Folha/Casca	B/J	Chá/Rezadeira	Calmante/Vômito	A/B/C/E /F	1
Canela	<i>Lauraceae</i>	<i>cinnamomum</i>	Folha	B	Chá	Dor de barriga/Vômito	A/B/C/E /F	1
Marva Rosa	<i>Mauvaceae</i>	<i>Malva moschata</i>	Folha	B	Chá	Dores em geral	A/B/C/E /F	1
Acerola	<i>Malpighiaceae</i>	<i>Malpighia glabra L.</i>	Fruto	A/B	Suco	Gripe/Tosse	A/B/C/E /F	2
Manjeriço	<i>Amaranthaceae</i>	<i>Ocimum sp.</i>	Folha/Talo	B	Banho	Gripe	A/B/C/E /F	1
Limão	<i>Rutaceae</i>	<i>Citrus limonum Risso.</i>	Fruto/Planta inteira	A/B	Chá	Dores em geral	A/B/C/E /F	2
Melancia	<i>Cucurbitaceae</i>	<i>Citrullus lanatus (Thunb.) Mansf.</i>	Semente	A/B	Chá	Dores em geral	A/B/C/E /F	1
Pereiro	<i>Apocynaceae</i>	<i>Aspidosperma pyrifolium Mart.</i>	Casca	B	Chá	Dores em geral/Gastrite	A/B/C/E /F	1
Juazeiro	<i>Rhamnaceae</i>	<i>Ziziphus joazeiro</i>	Casca/Folha	B/C	Chá	(Sem informação)	A/B/C/E /F	1
Umbuzeiro	<i>Anacardiaceae</i>	<i>Spondias tuberosa Arruda</i>	Casca/Fruto/Folha	A/B	Umbuzada/Vitamina	Inflamação	A/B/C/E /F	1
Angico	<i>Fabaceae</i> <i>Leguminosae</i>	<i>Anadenanthera falcata (Benth.) Speg.</i>	Casca	B/C	Chá	(Sem informação)	A/B/C/E /F	1
Seriguela	<i>Anacardiaceae</i>	<i>Spondias purpurea L.</i>	Fruto	A/B	Suco	Gripe/Tosse	A/B/C/E /F	1
Vassourinha de botão	<i>Plantaginaceae</i>	<i>Scoparia dulcis L.</i>	Talo	B	Chá	Dores em geral	A/B/C/E /F	1

Tabela 1: Informações etnobotânicas das plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola Cajá dos Negros, Batalha- Alagoas.

FONTE: Os Autores.

Usos Gerais: **A:** comestível; **B:** medicinal; **C:** madeira; **D:** uso doméstico (tecnologia); **E:** forragem; **F:** veneno; **G:** repelente de insetos; **H:** ornamentação; **I:** sombra; **J:** mística. (ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de et. al. 2002);

Fonte: **a:** feira livre/ mercados, **b:** quintal de casa, **c:** na Caatinga, **d:** caminho, **e:** roça, **f:** quintal da casa de um vizinho, **g:** outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção das plantas para fins medicinais em comunidades tradicionais revela o sentir dos sentidos que a vegetação recebe no processo de socialização de saberes e fazeres. A natureza, na concepção dos quilombolas não assume a ideia de recurso natural, o que está associado ao seu valor capitalista de troca, mas pelo seu valor de uso carregado de simbologias místicas. Essa percepção fica clara no comportamento de participantes de faixas etárias distintas conseguem dialogar acerca de plantas e seus usos fitomedicinais, já que esses saberes são compartilhados de maneira oral, resistindo as transformações da sociedade e das concepções sobre saúde.

Os sentidos dos dados oriundos dos questionários, da roda de conversa e observação de campo foram potencializados porque se encheram de significado graças as falas que formam o campo identitário do território da comunidade Cajá dos Negros. As falas sobre curas de si e dos outros mostram que, para além de plantas, “a fé” também é uma energia importante no processo de cura. E as vozes das mulheres, muitas vezes silenciadas de maneira interseccional, por serem mulheres, negras, rurais, pobres, dentre outros aspectos culturalmente minorados, permitiu encher essas laudas de autores que não escrevem e não possuem espaço normativos de referências científicas, a não ser seus depoimentos, que metodologicamente precisam ser mais valorizados.

Como a maioria das plantas medicinais é cultivada no espaço da casa, sobretudo nos quintais, abre-se a possibilidade de estudar as relações espaciais dessas ocorrências e suas relações de gênero e mobilidade, já que as mulheres, dentre elas as rezadeiras, se destacam na permanência desses saberes.

A presença de relações fitoterápicas e povos no território quilombola se constitui em mais um elemento potente para fortalecer e justificar a luta pela resistência e reconhecimento dos direitos socioespaciais dos quilombos, sua cultura e suas representações. Para além disso, novos estudos podem ser realizados para delimitação de áreas de preservação potencial etnobotânico de espécies endêmicas e de risco de extinção e/ou raridade, em vista ao crescente desmatamento que ocorre na área.

REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Introdução à Etnobotânica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. Página | 247
2. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma Área de Caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, v. 13, n. 3, p. 273-285, 2002.
3. ALMEIDA, M. Z. *Plantas medicinais*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003. 150 p.
4. BAUTISTA, H. P. Espécies arbóreas da Caatinga – sua importância econômica. In: *Simpósio sobre caatinga e sua exploração racional*, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 1988, p. 92-94.
5. BRITO, Michele Fernanda Marques de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CRUZ, Denise Dias da. Conhecimento etnobotânico local sobre plantas medicinais: uma avaliação de índices quantitativos. *Interciencia*. vol. 40, n. 3. Março/2015.
6. CARVALHO, Andréa Freire de; GOIS, Camila Bomfim de; SOARES, Maria José Nascimento. A mística: um saber pedagógico desenvolvido no campo do estágio em assentamentos. In: *V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão, SE/Brasil, 2011.
7. CARVALHO, Dayanne de Souza; LIMA, Renato Abreu; QUERINO, Carlos Alexandre Santos; CAMPOS, Milton César Costa; LIMA, Janaína Paolucci Sales de. Etnobotânica e uso de plantas com potencial terapêutico em assentamentos rurais brasileiros. *Educação Ambiental em Ação*. Junho-agosto/2019.
8. DANTAS, Janilo Italo Melo; TORRES, Alicia Marques. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. *Diversitas Journal*. v. 4, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2019.
9. DUQUE-BRASIL, Reinaldo. *Etnobotânica: Reflexões sobre conceitos e métodos de pesquisa*. (Curso de extensão de curta direção). Minas Gerais: UFV, Departamento de Biologia Vegetal, 2009. 21p.
10. FURTADO, M. B.; SUCUPIRA, R. L.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014.
11. INDURSKY, Freda. O Ritual da Mística no Processo de identificação e resistência. *Rua (UNICAMP)*, v. online, p. 110-125, 2014.
12. JÚNIOR, Lécio Resende Pereira; ANDRADE, Alberício Pereira de; ARAÚJO, Kallianna Dantas; BARBOSA, Alex da Silva; BARBOSA, Francisca Maria. Espécies da Caatinga como Alternativa para o Desenvolvimento de Novos Fitofármacos. *Floresta e Ambiente*, v. 21, n. 4, p. 509-520, 2014.
13. LIMA, Rodrigo Gonçalves de; SILVA, Renato Barboza da; LIMA, Helledsen Ramos da Silva de. Levantamento etnobotânico no entorno do Jardim Botânico Adolpho Ducke, Manaus, Amazonas. *Scientia Amazonia*, v. 6, n. 2, 63-73, 2017.
14. MAIA, Nayane Jaqueline Costa; ARAÚJO, Italo de Oliveira; ALMEIDA, Gabriela Mourão de; MATOS, Carla da Silva; PIEDADE,

- Samires Fernandes. Levantamento etnobotânico sobre o uso de plantas medicinais em uma comunidade agrícola do estado do Pará, Brasil. *III Congresso Internacional das Ciências Agrárias, Cointer - Pdvagro 2018*
15. MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. Benzedeiros e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais, *Interações*, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 3-14, jan./mar. 2018.
16. MING, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). *Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.
17. NORDI, João Carlos. Etnobotânica e quintais produtivos. *edUNITAL*. 1º edição, 2019.
18. PEREIRA, Maria das Graças Silva; COELHO-FERREIRA, Márlia. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. *Biota Amazônia*, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017.
19. ROCHA, Patricia Quirino; SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SANTOS, José Rodolfo da Silva; SILVA, Felipe Santos; SOARES, Maria de Almeida; SILVA, Ívia Rejane Ferreira. Uma análise da comunidade tradicional Alto dos Coelhoos pelo método geoetnográfico. *Diversitas Journal*, v. 2, n. 2, p. 284-292, maio/ago. 2017.
20. RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. Possíveis efeitos sobre o sistema nervoso central de plantas utilizadas por duas Culturas brasileiras (quilombolas e índios). *Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 147-154, 2003.
21. SANTOS, Luzivone da Silveira do Nascimento; SALLES, Maria Gorete Flores; PINTO, Ciro de Miranda; PINTO, Olienai de Oliveira; RODRIGUES, Inti Campos Salles. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade da Brenha, Redenção, CE. *Agrarian Academy, Centro Científico Conhecer – Goiânia*, v. 5, n. 9; Julho/2018.
22. SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: *Expressão Popular*, 2010.